

# Uma leitura de fotografias do rosto de Dilma Rousseff

**Sidnay Fernandes dos Santos**

Universidade do Estado da Bahia (UESB), Caetit , Bahia, Brasil  
sidnayfernandes@hotmail.com

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.739>

## **Resumo**

Este estudo apresenta uma análise do percurso de circula o da fotografia 3x4 do rosto de Dilma Rousseff que consta numa ficha criminal da Polícia do Estado de São Paulo. O *corpus* de análise   constituído por textos que circularam durante as campanhas eleitorais de 2010 e de 2014 em revistas e jornais impressos e eletr nicos. A pesquisa está embasada no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso proposta por Maingueneau (1984; 2007; 2008; 2010; 2014) e numa abordagem teórica acerca da fotografia e do fotojornalismo a partir dos estudos de Barthes (1984), Buitoni (2011), Kossoy (2007; 2009), Flusser (2011) e Sontag (2004), na perspectiva de compreender os modos de circula o de discursos e de retomadas e reformula es de já-ditos, cujos sentidos podem adquirir grandes potencialidades enunciativas.

**Palavras-chave:** análise do discurso; fotografia; Dilma Rousseff; percurso de sentido.

## **Une lecture de photographies du visage de Dilma Rousseff**

### **Résumé**

Cette étude présente une analyse du parcours de circulation de la photographie 3x4 du visage de Dilma Rousseff contenu dans un casier judiciaire de la Police de l'état de S o Paulo. Le *corpus* d'analyse recueille de textes qui ont été diffusés pendant les campagnes électorales de 2010 et de 2014 dans des magazines et des journaux imprimés et numériques. La recherche est basée sur le cadre théorique et méthodologique proposé par Maingueneau (1984 ; 2007 ; 2008 ; 2010 ; 2014) et sur l'approche théorique de la photographie et du photojournalisme   partir des études de Barthes (1984), Buitoni (2011), Kossoy (2007 ; 2009), Flusser (2011) et Sontag (2004), afin de comprendre les man eres de circulation des discours et des reprises et des reformulations des d j -dit, dont les sens peuvent acquérir de grandes potentialit s  nonciatives.

**Mots-cl s :** analyse du discours ; photographie ; Dilma Rousseff ; parcours de sens.

## **Considera es iniciais**

Para compreendermos o funcionamento de práticas discursivas, a partir do processo de circula o da fotografia 3x4 de Dilma Rousseff, que consta numa ficha criminal da Polícia do Estado de São Paulo – Departamento de Ordem Política e Social / DOPS, lançamos mão dos aportes teóricos da Análise do Discurso postulada por Dominique Maingueneau (1984; 2007; 2008; 2010; 2014), com foco nas unidades *t picas* e *não-t picas* e, mais precisamente, na unidade de análise denominada *percursos*.

Recorremos também a discussões teóricas acerca da fotografia e do fotojornalismo – Barthes (1984), Buitoni (2011), Kossoy (2007; 2009), Flusser (2011) e Sontag (2004) – como subsídio não apenas no processo de descri o do *corpus*, mas também no processo interpretativo, com vistas a produzirmos um

diálogo profícuo com as postulações de Maingueneau acerca da circulação de sentidos na esfera midiática.

A unidade de estudo não tópica *percursos* funciona, em nossa pesquisa, como diretriz metodológica; por intermédio dela, começamos a observar a circulação de fotografias de Dilma Rousseff no interior de redes interdiscursivas e a analisar nosso material investigativo. A circulação de sentidos que nos interessa envolve textos e estes foram agrupados no interior de uma narrativa<sup>1</sup> midiática que trata da atuação política de Dilma Rousseff contra a ditadura militar, na perspectiva de compreendermos “em que medida essa circulação determina o que pode e deve ser (re)dito enquanto debate no espaço público”.

Neste texto, apresentamos, inicialmente, considerações no âmbito da Análise do Discurso e, posteriormente, discutimos algumas questões sobre fotografia, à medida que vamos analisando a publicação da fotografia que selecionamos em textos da mídia.

### **Processos de circulação de sentidos**

Maingueneau sempre se preocupou com a produção dos discursos e também com a sua circulação. Desde *Genèses du discours* (1984), quando traz as práticas discursivas e não apenas o discurso como objeto de estudo, destaca que “a maneira pela qual o texto é produzido e pela qual é consumido estão ligadas (2007, p.140)”. Para ele, “[a] própria rede institucional desenha uma rede de difusão, as características de um público, indissociáveis do estatuto semântico que o discurso se atribui”. (Idem, p.141)

O modo de consumo dos textos que interessa à Análise do Discurso está visível na própria materialidade discursiva. Diz respeito à população enunciativa e trata-se “somente de determinar o tipo de consumo que o próprio discurso institui através de seu universo semântico” (MAINGUENEAU, 2007, p. 141).

Nos dias atuais, com os grandes avanços tecnológicos e diversificadas possibilidades de comunicação proporcionadas pela Internet e seus inúmeros dispositivos, aumentou-se e muito o circuito das discursividades. Essas novas modalidades de circulação das práticas discursivas têm sido objeto de investigação constante de Maingueneau. Para o autor, a Análise do Discurso precisa considerar os variados suportes e modos de difusão.

Para definir a categoria *percursos*, Maingueneau a diferencia de formação discursiva, ambas unidades *não-tópicas*, cujo princípio que as agrupa é uma decisão exclusiva do analista. Mas o que as distingue é a abordagem metodológica, pois uma pesquisa que parte de *percursos*, diferentemente da noção de formação discursiva, não se prende a um campo ou requer do analista a construção de espaços discursivos. A prática por *percursos* remete ao “estabelecimento em rede de unidades de diversas ordens [...] extraídas do interdiscurso [...]. O pesquisador pretende desestruturar as unidades instituídas, definindo *percursos* não esperados: a

---

<sup>1</sup> No sentido de Guilhaumou (2009). Para o autor, pela narrativa do acontecimento, pesquisa-se “novas perspectivas como olhar cruzado dos outros, apoia-se sobre uma interrogação plural em que cada ator ou espectador contribui para a elucidação da relação entre acontecimento e identidades políticas, temáticas sociais, diversos regimes de historicidade, e pluralidade dos espaços emergentes, etc.” (p. 139).

interpretação apoia-se, assim, sob a atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2008, p.23).

O princípio que basicamente diferencia unidades *tópicas* de *não-tópicas* são as fronteiras, ou seja, as unidades *não-tópicas* são construídas pelos analistas independentemente de fronteiras pré-formatadas; já as unidades *tópicas* são “mais pré-formatadas”, mesmo que coloquem aos pesquisadores problemas de delimitação (MAINGUENEAU, 2008, p. 18-25).

Nesse sentido, mesmo que as unidades *não-tópicas* não estejam sujeitas a fronteiras preestabelecidas e valorizem uma visão “interpretativa”, Maingueneau (2008, p. 24) diz que a construção de *percursos* não está submetida exclusivamente aos desejos epistemológicos do pesquisador: “há um conjunto de princípios, de técnicas que regulam esse tipo de atividade hermenêutica”. No nosso caso, podemos dizer que os princípios que, de certa forma, regularam a organização do nosso *corpus* e a maneira de perseguirmos a circulação da fotografia do rosto de Dilma Rousseff em redes interdiscursivas estão sobremaneira voltados para a visibilidade que a mídia jornalística atribuiu a determinados temas em torno da biografia da candidata-presidente, que começaram a circular na campanha presidencial de 2010 e permaneceram em circulação na campanha de 2014.

Maingueneau (2008, p. 23) diz que os percursos podem ser do tipo formal (por exemplo, tal tipo de metáfora, tal forma de discurso relatado, de derivação sufixal...) e também fundados sobre materiais lexicais e textuais, exemplificando com um trabalho desenvolvido por Krieg-Planque sob a fórmula “depuração étnica”. Voss (2011, p. 17) aponta que os trabalhos que estudam fórmulas são relativamente novos, principalmente no Brasil. O trabalho com a noção de percursos associada a textos imagéticos parece algo um tanto novo e desafiador e nós propomos este estudo perseguindo *percursos* com base na circulação via espaço midiático de imagens fotográficas.

Considerando como unidades de estudo textos que circulam na mídia jornalística e concebendo que tal circulação proporciona a instabilidade, pois o sentido está sempre em construção, traçamos nossas temáticas de análise apoiados na “atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2008, p.23).

No próximo item, abordamos algumas considerações sobre imagem fotográfica e fotojornalismo e começamos a exemplificar como a fotografia em estudo é citada por algumas instituições midiáticas tendo em vista dados percursos de interpretação que são impostos aos possíveis leitores.

## **A fotografia e a mídia jornalística**

É no final do século XIX que a fotografia adquire espaço nos jornais, firmando-se como um complemento relevante da informação. Conforme Ferreira (2008), alguns autores consideram o ano de 1880 nos Estados Unidos como marco do momento em que a fotografia passou a ser utilizada na imprensa.

Desde então, a fotografia é citada no jornalismo com o valor de atestar a verdade do(s) fato(s) noticiado(s). Há um esforço “no sentido de minimizar a subjetividade inerente ao processo fotográfico, em especial, no jornalismo”. Ferreira (2008, p.04) destaca que o pressuposto da objetividade ocasionou, por

muito tempo, um consumo da imagem fotográfica, principalmente a de imprensa, quase sem desconfiças.

Especialmente por se constituir como um “valioso instrumento que comprova a verdade” – do ponto de vista jornalístico –, a fotografia tem se tornado um artefato essencial para o discurso da imprensa.

A objetividade, a verdade e a transparência são condições básicas de constituição do discurso jornalístico e são, em contrapartida, consideradas um problema diante da posição de muitos estudiosos da fotografia que têm demonstrado que captar o real em imagem fotográfica é ação praticamente impossível<sup>2</sup>. Mas o discurso jornalístico permanece na posição de sustentar sua credibilidade na objetividade e no registro do real e, por isso, utiliza as imagens como argumentos para garantir a veracidade da informação e o registro fiel da realidade.

O uso da imagem fotográfica pelo jornalismo demonstra o fascínio pelo análogo que emerge quase como um impulso para aceitar a fotografia como prova do real; em termos de percepções, a função do “espelho” surge mais forte do que a função de manipulação (BUTONI, 2011, p. 54).

O repórter de imagem busca produzir fotografias que reproduzam, de modo realista, um objeto, um fato, um cenário, mas sua atividade é marcada por um conjunto de padrões social e culturalmente construídos, que interferem na focalização, enquadramento etc. (GOMES, 2008). Kossoy (2001) diz que a manipulação da imagem fotográfica existe desde a invenção da fotografia, cujos temas são, de alguma forma, manipulados técnica, estética ou ideologicamente (p. 114).

Para Ferreira (2008, p. 8-9), a manipulação já surge na reunião de pauta da instituição jornalística, quando “encomenda-se” uma fotografia. Manipulação e criação podem ocorrer nas duas etapas de construção de sentidos pelas quais passam as fotografias: produção e publicação. A primeira diz respeito a produção do fotógrafo, pois o significado da imagem fixa, captada pela câmera, visível isoladamente (impresa, digitalizada ou ainda no aparelho) é diferente da significação produzida no momento de sua publicação no interior de um texto jornalístico. Em ambas as enunciações, por menor que seja, há espaço para a intervenção, pois os sentidos são construídos e só existem em sua materialização discursiva e não no mundo físico, externo ao discurso.

Apesar de pautar-se no discurso de citação da fotografia como comprovação do real, a instituição jornalística produz uma escrita via imagem marcada por parâmetros da subjetividade seja nos momentos de produção e de publicação, seja pelo enquadre interpretativo que o próprio suporte em si constrói.

Para Maingueneau (2004), o modo de manifestação material dos discursos, seu suporte e seu modo de difusão são constitutivos do sentido. O *mídiu*m não é, pois, um simples meio de transporte do discurso. Dessa forma, ao tratar de um *mídiu*m de um gênero de discurso, deve-se levar em conta não apenas “o suporte material no sentido estrito (oral, escrito, manuscrito, televisivo etc.)”, mas também “o conjunto do circuito que organiza a fala” (Idem, p.72).

---

<sup>2</sup> Entre eles, citamos Flusser (2011) e Machado (1984).

Conforme Flusser (2011, p.75-6), o suporte material por si só já contribui para a significação da imagem, pois, só dentro do canal/do *mídium*, as fotografias adquirem seu último significado. O filósofo destaca ainda que, a cada vez que se muda uma fotografia de canal, muda também seu significado: de científica pode passar a ser artística, política, privativa. Ademais o próprio fotógrafo capta a imagem em função do suporte material que irá colocá-la em circulação.

Para Flusser (2011, p.75), fotografias não são valorizadas enquanto objetos, mas sim enquanto informações. São, assim, objetos pós-industriais, visto que o interesse se desvia para a informação. E, antes de serem distribuídas, elas são transcodificadas pelo aparelho de distribuição.

Sontag (2004, p.32) também chama a atenção para esse aspecto da fotografia ao dizer que as imagens fotográficas são arroladas a serviço de instituições de controle, como objetos simbólicos e fontes de informação. Fotografias têm valor enquanto informação, mas, tendo em vista as situações em que a maioria das pessoas a usam, seu valor informacional é da mesma linha que o da ficção. E esse aspecto parece estar presente no discurso jornalístico por conta dos posicionamentos político-ideológicos que cada instituição coloca em circulação.

A revista *Época* colocou na capa de sua edição 639, publicada em 14 de agosto de 2010, uma fotografia 3x4 do rosto de Dilma Rouseff:



**Figura 1.** Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/edicoes-antiores/p/9/>

Essa imagem fotográfica foi reproduzida da ficha criminal da protagonista, produzida por ocasião de sua prisão no DOPS de São Paulo em fevereiro de 1970<sup>3</sup>. É uma imagem que sai de um suporte material – documentação criminal – e migra para uma revista semanal. A fotografia do rosto na capa da revista não tem a função identificatória do documento produzido quando a protagonista tinha 22 anos. Além de funcionar como um convite à leitura da reportagem, principalmente por estar na capa, apresenta a função informativa.

É uma imagem com alto grau de informatividade e narratividade. Na revista, atualiza-se uma fase do passado de Dilma Rouseff e apresentam-se informações sobre sua atuação contra a ditadura militar. A revista vale-se do poder de credibilidade que ainda é atribuído à fotografia como também dessa possibilidade

<sup>3</sup> Informações conforme o livro: *A vida quer é coragem: a trajetória de Dilma Rouseff*, a primeira presidenta do Brasil da autoria de Ricardo Batista Amaral, publicado em 2011 pela Editora Sextante.

de interpretações diversas e transcodifica a cena em conceitos. A cena da prisão de Dilma Rousseff é transcodificada em conceitos que trazem a protagonista como criminosa, terrorista, assaltante. Conceitos inscritos no interior de um percurso de sentido construído pela instituição.

A imagem 3x4 ampliada, ocupando toda a capa da revista, potencializa o sentido em construção de um passado que Dilma “não gosta de lembrar: seu papel na luta armada contra o regime militar”.

No fotojornalismo a imagem está inserida em outra imagem: a página impressa, a página da Internet. Todos os elementos do texto convergem para a informação central, cujos sentidos materializam um posicionamento político-ideológico que está a serviço de uma instituição, de uma ideia, de uma causa.

A fotografia 3x4 de Dilma Rousseff não foi enquadrada pelo visor da câmera do repórter de imagem a serviço de uma instituição, ela foi retomada de um documento policial guardado em arquivo. Ela foi hermeneuticamente enquadrada no processo de publicação.

É uma fotografia que pode ser qualificada como jornalística, conforme conceituação apresentada por Buitoni (2011). Como tipos de fotografia de imprensa, além da fotografia jornalística, a autora apresenta a fotoilustração. A foto jornalística tem caráter noticioso e está em plena relação com a atualidade, vinculada a valores informativos e/ou opinativos. Além disso, apresenta o “embrião narrativo”, que existe quando a imagem aponta para uma ação a ser continuada ou sugere a existência de ações que antecedem e sucedem a cena registrada (BUITONI, 2011, p.90).

A imagem de Dilma Rousseff foi capturada quando ela estava estática, olhando para a câmara. A narratividade concentra-se, contudo, no contexto histórico, sugere acontecimentos anteriores ao momento da prisão e os motivos que levaram à ocorrência do fato. É uma fotografia do passado, mas está vinculada à atualidade porque ela emerge no momento da campanha eleitoral, cujas pesquisas apontavam grande possibilidade de a candidata ser eleita presidente do Brasil.

Já a fotoilustração é

[...] toda imagem fotográfica composta por imagens advindas de processos fotográficos (que podem ser em forma de colagem ou fotomontagem, por edição eletrônica ou convencional); e também a fotografia combinada com outros elementos gráficos, sempre com a finalidade de ilustrar uma ideia, um conceito ou auxiliar a compreensão de um fato, de um objeto, de um processo. (Idem, p.91)

A fotoilustração é mais comum em temas que geram reportagens analíticas, não exclusivamente noticiosas e, por isso, sem uma data definida. A revista *Época*, no interior da reportagem, cuja chamada de capa apresenta a foto 3x4 de Dilma Rousseff, produz e cita uma fotoilustração criada a partir da fotografia da ficha criminal da então candidata:



**Figura 2.** Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI163155-15223,00-DILMA+NA+LUTA+ARMADA.html>. Acesso: 20 jul. 2012

Essa fotografia estilizada foi produzida pelo ilustrador Sattu a pedido do editor de arte da revista *Época*, Marcos Marques<sup>4</sup>. Ela é um exemplo do fazer artístico, via tecnologia, que incide sobre a fotografia aproximando-a da pintura.

É uma produção icônica que não é citada em substituição à fotografia original, já que essa figura na capa, mas para reforçar o sentido da imagem da capa, e, conseqüentemente, para reforçar o efeito de credibilidade do discurso da instituição.

Conforme Leila Suwvan (2010)<sup>5</sup>, na mesma semana de circulação dessa edição da revista, a campanha de Dilma Rousseff começou a usar a imagem em perfis do Twitter, camisetas, fazendo-a virar “ícone petista”.

É uma imagem que não apenas muda de suporte material – da revista para camisetas, Twitter –, mas transita do campo midiático para o campo discursivo político-eleitoral. Esse fenômeno é pouco comum na esfera da atividade jornalística no Brasil; o oposto – do discurso político-eleitoral para o jornalismo – é que prevalece.

No primeiro turno das eleições de 2014, a campanha de Dilma Rousseff permanece usando essa imagem (com variações ou não) em camisetas, cartazes e, num processo interativo, oferece-a para o leitor/eleitor usá-la como imagem de perfil do Facebook. No *site* da campanha “Muda mais”, disponibilizaram uma imagem – que denominaram “avatar da Dilma” – com variações dessa foto em meio a outras que também remetem ao contexto da participação de Dilma contra a ditadura, estilo mosaico, para o leitor/eleitor criar sua imagem de perfil do Facebook.

---

<sup>4</sup> Informações disponíveis em: <http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/retrato-de-dilma-guerrilheira-vira-icone-petista-4990407>.

<sup>5</sup> Texto “Retrato de Dilma guerrilheira vira ícone petista”, em: <http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/retrato-de-dilma-guerrilheira-vira-icone-petista-4990407>



**Figura 3.** Fonte: <http://saraiva13.blogspot.com.br/2014/08/mais-de-5-mil-avatars-em-apoio-dilma.html>. Acesso em: 30 jun. 2015

São percursos de interpretação contraditórios que se materializam em diversos suportes, nos quais as narrativas do acontecimento factual disputam um e não outro sentido para a imagem fotográfica. Em algumas narrativas, são construídos percursos de sentidos que caracterizam Dilma Rousseff como guerrilheira e, em outras, Dilma Rousseff é caracterizada como militante. E nossa análise corrobora a relevância dos *mídiuns* na construção dos sentidos.

### Percursos de leitura e fotografias do rosto

A imagem fotográfica, na prática jornalística, tem grande poder informativo e, muitas vezes, possui o poder de impactar o leitor (causando emoções de indignação, desprezo, revolta) diante da realidade narrativizada pela instituição midiática.

Para Santos (2010), em pesquisa realizada sobre os discursos dos leitores publicados nas revistas *Veja* e *Carta Capital*, os leitores materializam novas formulações dos dizeres e sentidos construídos pelos jornalistas que são retomados e valorizados na próxima edição do periódico. Os leitores enunciadores fazem uma abordagem do tema de forma semelhante à abordagem construída pelos jornalistas enunciadores, porque compartilham as mesmas concepções político-ideológicas e as materializam discursivamente regidos por uma grade semântica comum.

Há um pacto de leitura/interpretação entre enunciadores da instituição midiática e enunciatários (ou clientes) dos sentidos que são construídos no jornalismo acerca da política brasileira. Esse pacto, marcado politicamente, é materializado na prática discursiva das duas instâncias enunciativas porque estas partilham o mesmo sistema de restrições semânticas.

Para Gomes (2008, p. 36), há um acordo entre os participantes da comunicação midiática:

Apesar da variedade de recursos de concretização de conteúdos em imagens, desde os que permitem uma apreensão inteligível dos fatos aos que colocam em funcionamento uma abordagem mais estética dos elementos visuais, pode-se dizer que há uma convenção, um acordo entre os participantes da comunicação midiática que rege o que é verossímil e aceitável em relação ao visível.

O pacto de leitura entre os sujeitos do discurso jornalístico não se restringe ao estilo linguageiro, envolve, como já abordamos, posicionamentos político-ideológicos. Por isso que, de um lado, o leitor da revista *Época* tende a significar e a aceitar as fotografias de Dilma Rousseff – a da capa e a estilizada, que citamos



anteriormente – conforme o percurso de sentido proposto pela instituição, que coincide com a leitura na qual acredita ou quer acreditar: Dilma guerrilheira e criminosa. De outro lado, o (e)leitor/usuário de uma camiseta que estampa a mesma fotografia estilizada, que circulou no interior da reportagem da revista e os que a utilizaram em perfis do Facebook tendem a interpretá-la como o proposto por esse circuito de distribuição da imagem: Dilma militante, guerreira, valente, corajosa.

Como se vê, as imagens do rosto de Dilma Rousseff na fotografia de capa e na fotografia estilizada da revista *Época* adquiriram autonomia em relação ao verbal. Desde antes de sua veiculação na capa da revista, a máquina midiática brasileira já estava citando essa fotografia no interior de uma ficha policial:

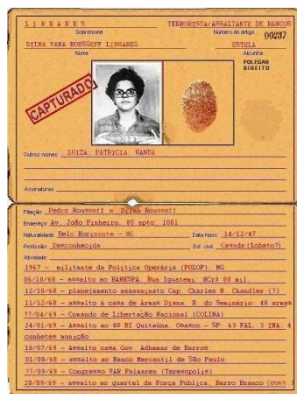


Figura 4. Fonte: <http://noticias.terra.com.br/eleicoes/dilma-rousseff/dilma-usa-ficha-falsa-em-video-oficial-de-campanha,682412948ad08410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>



Figura 5. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fs/p/cp05042009.htm>.

De acordo com André Lopes<sup>6</sup>, essa ficha policial é falsa. Ela foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo* em 05 de abril de 2009, mas “essa falsificação circula pelo menos desde 30 de novembro do ano passado [2008] na internet, postada no

<sup>6</sup>André Borges Lopes é bacharel em História pela USP, consultor especializado em tecnologia de artes gráficas e professor no curso superior de Fotografia do Centro Universitário Senac. Ele aponta sete erros na ficha. Disponível em: <<http://idiarte.files.wordpress.com/2010/08/fichafalsa.pdf>>.

site [www.ternuma.com.br](http://www.ternuma.com.br)<sup>7</sup>". Dilma Rousseff diz, em carta enviada ao jornal *Folha de S. Paulo*, que os assaltos e ações armadas que constam na ficha ela nunca cometeu e nunca respondeu juridicamente por eles.

Seja por meio de documentos falsificados ou não, a mídia tornou conhecida a história dessa fotografia. Acontecimentos históricos dos anos de 1970 acerca do envolvimento da então ministra da Casa Civil contra a ditadura militar são retomados pela mídia brasileira.

Nesse texto (Figura 04), a imagem do rosto que consta na fotografia 3x4 parece ser uma reprodução da fotografia original<sup>8</sup>. As manipulações – ou fraudes – ocorreram, em grande parte, no plano verbal. Produziram informações verbais, tais como: “terrorista/assaltante de bancos”; “assalto ao 4 RI Quitauna Osasco -SP”; “assalto casa do Gov. Adhemar de Barros”; “assalto ao Banco Mercantil de São Paulo”, apresentadas no interior do gênero documento oficial, provavelmente fraudulento, para direcionar os sentidos da fotografia.

No jornal *Folha de S. Paulo* (Figura 05), além dessas informações contidas no “documento falso”, os textos verbais produzidos pela instituição enquadram o sentido atribuído à imagem que pode ser sintetizado no título do texto de capa: “Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto”.

O jornal *Folha de S. Paulo* fez uma retratação no dia 25 de abril de 2009 no texto intitulado “Autenticidade de ficha de Dilma não é provada”, do qual destacamos:

O primeiro erro foi afirmar na Primeira Página que a origem da ficha era o “arquivo [do] DOPS”. Na verdade, o jornal recebeu a imagem por e-mail. O segundo erro foi tratar como autêntica uma ficha cuja autenticidade, pelas informações hoje disponíveis, não pode ser assegurada – bem como não pode ser descartada.<sup>9</sup>

Mesmo com a retratação da instituição, os discursos que emergiram por conta do episódio – ou erro – do jornal inserem-se na rede interdiscursiva que questionam a objetividade e imparcialidade do jornalismo.

A fotografia 3x4 e a imagem estilizada do rosto de Dilma Rousseff adquiriram autonomia discursiva, porque, em conjunção com a modalidade verbal, a mídia tornou o acontecimento histórico conhecido dos brasileiros. Essa autonomia em relação ao verbal deve-se ao fato de sua recorrente circulação na mídia numa época que antecedia as eleições presidenciais. Todavia, sem o enquadre verbal, é o suporte de circulação o responsável pelo enquadramento, atribuindo à imagem um ou outro percurso de sentido. Belting (2004, p.30) diz que é o médium-suporte que confere às imagens “uma superfície, ao mesmo tempo que lhes dota de uma significação e de uma possibilidade efetiva de serem percebidas”.

Para Maingueneau (2014), o rosto é frequentemente associado a aforizações porque é a parte do corpo que possibilita a identificação do indivíduo como distinto

---

<sup>7</sup> É uma transcrição de parte de um texto atribuído a Dilma Rousseff e enviado para o *ombudsman* da *Folha de S. Paulo* em resposta e denúncia da ficha falsa, conforme: <<http://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u556855.shtml>>.

<sup>8</sup> Consideramos como original a cópia da fotografia publicada no livro “A vida quer é coragem”, cuja fonte indicada é o acervo pessoal de Dilma Rousseff.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u556855.shtml>>.

de outros, além de concentrar a sede do pensamento e da fala, por conta das partes físicas que o compõem.

Para o linguista francês, a fotografia na mídia tem o papel de autenticar uma aforização do locutor como sendo sua fala e, nesse caso, o foco da imagem é mesmo o rosto e o olhar do protagonista/referente. Quando a imagem mostra o rosto e as mãos, implica-se mais diretamente a presença do alocutário. De qualquer modo, é o olhar – acompanhado de gestos ou não – que estabelece uma interação com o alocutário.

Além da função de autenticar, Maingueneau (2014, p.46) reconhece a foto do rosto como produto de um destacamento que exclui elementos do contexto, tais como, vestimenta, local, momento, e outras partes do corpo do indivíduo.

A mídia vale-se de dois modos de apresentar a fotografia do rosto: de forma fortemente contextualizada, quando mostra o cenário no qual a fotografia foi capturada e de forma menos contextualizada ou até descontextualizada, quando coloca o protagonista da imagem contra um fundo neutro (MAINGUENEAU, 2014).

A fotografia 3x4 do rosto de Dilma Rousseff apresentada na capa da revista *Época* (Figura 1) é pouco contextualizada, porque as imagens das mãos e do número são cortadas; mas, mesmo assim, é altamente informativa. Nesse caso, o gênero ficha policial, no qual a imagem foi inserida e/ou colocada em circulação, também contextualiza a foto.

Conforme Suwvan (2010), o rosto dessa fotografia “mostra uma jovem abatida e desgrenhada, presa pela repressão aos 22 anos”. O olhar expressa tristeza, apesar de o reflexo dos óculos dificultar a visibilidade.



Figura 6. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma\\_Rousseff](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff)

Na fotografia da capa da revista, o editor de arte, Marcos Marques “melhor[ou] o máximo a qualidade [...], mantendo a originalidade”<sup>10</sup>. Uma manipulação, contudo, que alterou os sentidos da imagem, pois o reflexo dos óculos sobre o olhar dificultando a interação com o leitor produz efeitos de sentidos mais próximos do contexto histórico de uma prisão por crime político. Em outras palavras, os óculos tendem a esconder a face da prisioneira, tolhendo as possibilidades de identificação e singularização.

Essa fotografia, capturada no início de 1970 e nesse contexto histórico, mostra as características físicas da “identificada na Polícia do Estado de São Paulo” e mostra também, de acordo com Barthes (1984), uma verdade que não é a do

<sup>10</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/retrato-de-dilma-guerrilheira-vira-icone-petista-4990407>.

indivíduo, mas da linguagem e ainda, de acordo com Courtine e Haroche (1988), expressões do interior e dos sentimentos da protagonista da imagem.

As instituições midiáticas brasileiras valem-se desse rosto que fala num momento difícil do passado – há quase 40 anos – atribuindo-lhe verbalmente um efeito de referencialidade com a construção de um percurso de leitura: “o passado que ela [Dilma Rousseff] não gosta de lembrar”; “seu papel na luta armada”; “Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto” e/ou outro: Dilma militante, guerreira, valente e corajosa. Tal imagem fotográfica fala, portanto, na prática discursiva de cunho jornalístico, conforme o percurso interpretativo proposto pela instituição.

Na fotografia estilizada (Figura 2), as expressões faciais são alteradas, mas a referencialidade ao fato histórico e ao contexto permanece, reforçada pelo fundo vermelho. Para Suwvan (2010), a versão estilizada da fotografia “mostra a mesma jovem, desta vez bem delineada e carregada de tinta vermelha, destacando um olhar fixo, quase impetuoso”. O olhar firme e o rosto menos arredondado sugerem uma mulher com mais idade, um efeito de sentido de mais maturidade e mais coragem. Conforme Curcino (2006, p.167), “as práticas de escrita midiática [...] inscrevem essas representações do rosto e da fotografia, em sua própria escrita, porque pressupõem que seus leitores compartilham dessas mesmas representações”.

### **Considerações finais**

Apesar de utilizarmos, neste artigo, apenas alguns textos que citam a fotografia 3x4 que analisamos, reconhecemos que os exemplos mencionados são representativos de uma averiguação nossa: dois percursos de interpretação estão sendo construídos para a fotografia – um caracteriza Dilma Rousseff como guerrilheira e o outro, como militante.

A construção desses dois percursos que se materializam pelo viés da contradição revela-se de forma deontica, pois a interpretação exige que o leitor ultrapasse seu sentido imediato. Conforme Maingueneau (2010, p.15), a “interpretação assume a forma ‘dizendo X, o locutor implica Y’, onde Y é um enunciado genérico de valor deontico”. Ao dizer X (ou significar negativamente a atuação de Dilma Rousseff na ditadura militar), o locutor implica deonticamente Y (não se deve votar em Dilma, ela não tem perfil nem competência para governar o país). Quanto ao outro percurso de sentido, ao dizer X (significar positivamente a atuação da candidata na ditadura militar), implica-se Y (Ela tem perfil, força, coragem, competência para ser a presidente do Brasil).

Dizemos ainda que a fotografia que foi nosso objeto de estudo neste momento adquiriu grande poder de circulação não só porque migrou de um campo discursivo (policia) a outros (jornalístico e político), mas porque dá a ler diferentemente o mesmo acontecimento histórico, ou ainda trata polemicamente um fato numa disputa midiática por construção de sentidos: Dilma guerrilheira *versus* Dilma militante.

### **REFERÊNCIAS**

AMARAL, R. B. *A vida quer é coragem: a trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. 304 p.

- BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Ed. Nova Fronteira, 1984. 185 p.
- BELTING, H. *Médium, image, corps. Une introduction au sujet*. In: *Pour une anthropologie des images*. Paris: Galimard, 2004, p.17-76.
- BUITONI, D. S. *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2011. 195 p.
- COURTINE, J.-J.; HAROCHE, C. *História do rosto: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)*. Lisboa: Teorema, 1988. 256 p.
- CURCINO, L. *Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista Veja*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006. 334 p.
- DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papiurus, 2011. 362 p.
- FERREIRA, S. V. *Retratos do Brasil – O prêmio Esso e a construção da memória do fotojornalismo brasileiro*. 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/RETRATOS%20DO%20BRASIL%20-%20O%20PREMIO%20ESSO.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2014.
- FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011. 134 p.
- GOMES, R. S. *Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal*. Niterói: EdUFF, 2008. 142 p.
- GUILHAUMOU, J. *Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009. 250 p.
- KOSSOY, B. *Fotografia & história*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 184 p.
- \_\_\_\_\_. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. 176 p.
- \_\_\_\_\_. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 152 p.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1997[1987]. 200 p.
- \_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 304 p.
- \_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2007[1984]. 186 p.
- \_\_\_\_\_. *Formações discursivas, unidades tópicas e não tópicas*. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2007. 222 p.
- \_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008. 184 p.
- \_\_\_\_\_. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010. 208 p.
- \_\_\_\_\_. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 200 p.
- SANTOS, S. F. *Dizeres sobre corrupção na mídia impressa brasileira: uma leitura discursiva*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências

Humanas e Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. 121 p.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 224 p.

SUWWAN, L. Retrato de Dilma guerrilheira vira ícone petista. 16/08/2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/retrato-de-dilma-guerrilheira-vira-icone-petista-4990407>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

VOSS, J. A propósito das noções de fórmula e de percurso para a análise de discurso. *Revista Prolíngua*, v. 6, n.1, jan./jun. 2011.

### **Revistas e jornais analisados**

<http://revistaepoca.globo.com/edicoes-anteriores/p/9/>.

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI163155-15223,00-DILMA+NA+LUTA+ARMADA.html>. Acesso em: 20 jul. 2012.

<http://noticias.terra.com.br/eleicoes/dilma-rousseff/dilma-usa-ficha-falsa-em-video-oficial-de-campanha,682412948ad08410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cp05042009.htm>.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma\\_Rousseff](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff)

<http://saraiva13.blogspot.com.br/2014/08/mais-de-5-mil-avatares-em-apoio-dilma.html>. Acesso em: 30 jun. 2015.

**Recebido em:** 05/10/2015

**Aprovado em:** 27/06/2016